

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 34

Data: 2 de Dezembro de 1977

Pg.: _____

DARCY RIBEIRO

“SE MUDOU, MUDOU PARA PIOR”

Emília Silveira

JB - 2.12.77

“Duas questões nos preocupavam quando planejamos a organização do Museu do Índio: qual é a representação mental que o público comum tem dos índios e o que procura e o que encontra o visitante nos museus tradicionais de etnologia?”

Assim Darcy Ribeiro começa o seu artigo *Um Museu Contra o Preconceito*, escrito em 1955 para a revista *Américas*, publicação da OEA. O respeito e a preocupação do primeiro diretor do Museu com o índio se mantiveram inalterados nesses 22 anos que separam as indagações do jovem professor do fechamento do casarão do Maracanã, onde funciona o Museu, marcado para hoje.

Darcy Ribeiro parte de uma situação objetiva: a necessidade de demolição da sede do museu para “dar lugar a uma estação do metrô”, e analisa a “desastrosa escolha do prédio da Rua das Palmeiras, onde a partir de março volta a funcionar o que não poderá deixar de ser um arremedo do antigo Museu do Índio”, fundado pelo Marechal Rondon.

Na posição de organizador e ex-diretor do Museu, quando o Ministério da Agricultura, então responsável pelas questões indígenas: “destinava a seu melhor prédio fora da sede para o museu”, Darcy Ribeiro lembra que a instituição mereceu o único artigo sobre museu brasileiro na revista *Museum da Unesco*. E conta que o Museu do Índio só não foi para o Parque Lage, onde pretendia instalá-lo o Ministro Simonsen, por um simples engano burocrático, cometido por um assessor.

Quais os linhas mestras que nortearam a criação do Museu do Índio?

— Em primeiro lugar, o Museu do Índio foi importante para articular o Brasil com suas próprias raízes. Partimos do ponto-de-vista de que o brasileiro médio via o índio como feio, agressivo, perigoso, matador, sujo, indolente e incapaz. Decidimos quebrar esse estereótipo anticientífico a partir da própria organização física do museu. Nossa base eram as coleções da sessão de estudos do Serviço de Proteção ao Índio e do Conselho de Proteção ao Índio-dirigido por Rondon. A alegria foi muito grande quando iniciamos o trabalho porque, pela primeira vez, a então Capital Federal daria um lugarzinho aos índios. Teríamos uma casa dedicada à vida e à cultura indígenas.

Mas nós falávamos em destruir a imagem falsa da população em relação ao índio...

— Como o prédio foi todo adaptado para o melhor funcionamento do museu, podemos distribuir as peças de uma forma que causasse impacto imediato. O visitante subia a escada e levava um susto ao deparar com 12 fotos de índios lindíssimos, tranquilos, carinhosos, felizes. Eu selecionei essas fotos dentre 40 mil que faziam parte do nosso arquivo. Depois o estudante ou o turista podia ver como o índio, criativo e trabalhador, convive com a enorme floresta, domando-a e tirando dela o melhor, sem deixar de respeitá-la. O índio tirou da mata cerca de 40 espécies de plantas (milho, amendoim, tabaco, cajú, batata-inglesa) que mudaram até a dieta da Europa. Os índios foram os primeiros a utilizar a batata-inglesa e

não os alemães. Logo depois estavam lá, para quem quisesse ver, os machados de pedra, as fotos de intermináveis roçados. Até ai já tínhamos liquidado com a imagem do índio feio, agressivo e preguiçoso. As visitas terminavam com a projeção de um filme feito por mim, mostrando o dia-a-dia do índio.

O objetivo foi alcançado?

— Tivemos resultados muito positivos comprovados, principalmente, no trabalho em convênio com o Ministério da Educação. Todas as turmas da quarta série primária visitavam o museu. Mas as professoras orientavam as crianças para que fizessem uma relação: O índio antes e depois do “passeio”. Os estudos dessas composições, que ficavam arquivadas, permitiram conclusões muito animadoras.

Do ponto-de-vista cultural, o que representou a criação do museu?

— Com a existência efetiva, a grande visitação e interesse, e principalmente com a implantação de uma filosofia de respeito ao índio, recuperou-se o le-

nistério da Agricultura, pelo menos, tem alguma coisa que ver com o verde.

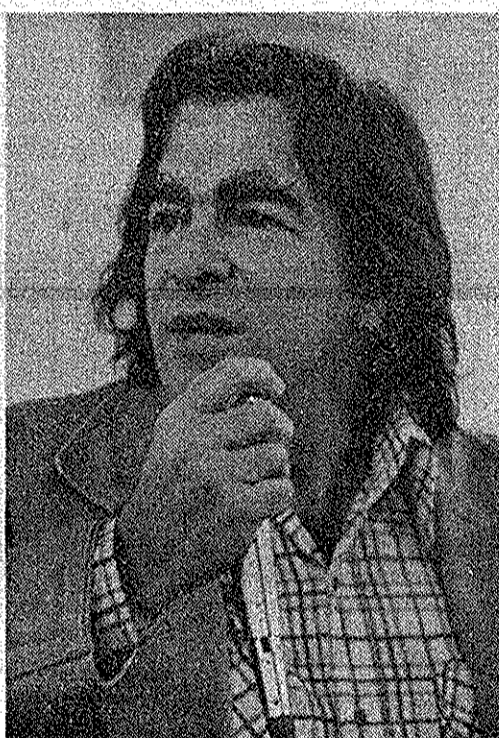
De que forma essa mudança na área burocrática se refletiu no museu?

— A mudança burocrática implica mudança de filosofia, mas essa é uma questão mais complicada. O que posso dizer é que se o Museu do Índio mudou, mudou para pior, apesar dos esforços do bem intencionado diretor atual. E agora essa novidade da mudança de prédio eu vejo como a decretação de falência do Museu do Índio. Me dá muita tristeza perceber que a cidade não ama as coisas que ela tem. Um museu que foi criado com aquela grandeza, é hoje um retrato da decadência e do aniquilamento de toda uma mentalidade.

Mas haveria uma saída? Se o prédio da Rua das Palmeiras para onde está prevista a transferência, é inadequado, para onde deveria ir o museu, já que seu deslocamento da casa do Maracanã é inevitável?

— O mais lamentável e o mais doloroso é que existia uma solução, que por um capricho da nossa burocracia surrealista se perdeu nos corredores oficiais. Vão acabar com o museu por um erro burocrático. A história absolutamente verdadeira é a seguinte: o Ministro Simonsen, da Fazenda, havia destinado o Parque Lage para sede do novo Museu do Índio mas viajou para passear ou arranjar um dinheirinho nos Estados Unidos e deixou um auxiliar para redigir o decreto de transferência.

Esse nosso brilhante tecnocrata errou e ao invés de escrever Museu do



“Vão acabar com o Museu do Índio por um erro burocrático”

gado do orgulho pelas culturas indígenas, que são cultura brasileira. Entre eles não há conflitos, há respeito, alegria de viver, vontade de beleza. Para nós, é difícil aceitar isso porque não individualizamos os objetos com que convivemos. Nossa civilização só conhece a individualização da caligrafia. “Essa letra é de fulano”.

Mas a sua camisa ou a sua caneta são feitas em série. Nós não nos identificamos com nossos utensílios. Mas o cesto que a índia carrega mostra se ela é ou não caprichosa. Um índio encontra uma flecha e reconhece nela o seu dono. Isso traz uma constante presença de beleza e arte. E o Museu do Índio era o resumo desse espírito. Dava aos brasileiros o orgulho de ser descendente de índios.

Até agora estamos falando no passado. Como o índio — e por tabela o museu — é encarado hoje pelas autoridades?

— Oficialmente, todas as instituições ligadas ao índio estão em decadência. O Serviço de Proteção ao Índio minguou, a Funai não tem o menor carinho pelo índio. A passagem dos problemas indígenas para o Ministério do Interior foi um desastre. Pelas suas próprias tarefas os burocratas que compõem o órgão não têm a menor sensibilidade cultural. O Mi-

Índio, escreveu Jardim Botânico. Ninguém viu e tudo foi assinado, lavrado, carimbado e publicado. No artigo terceiro diz o decreto que o prédio só pode ser utilizado pelo órgão a que foi destinado, mas o Jardim Botânico não tem como utilizar o Parque Lage. No parque funciona a Escola de Artes Visuais que está com a sua vida ameaçada — e não estaria se o Museu fosse para lá — e com um erro facilmente sanável, acabam de uma só vez com a excelente escola de arte e com o Museu do Índio. Pior que tudo é a situação inacreditável, pois ninguém é contra a transferência do Museu para o Parque Lage. Ninguém assume a ideia de levar o Museu para o antigo prédio do Iseb — Instituto Superior de Estudos Brasileiros, extinto em 1964 — e atual sede do projeto Rondon. O prédio é bonito, mas inadequado. Não tem espaço e um museu precisa de espaço e de instalações muito específicas. Falo com a maior tranquilidade porque sou um calejado organizador de museus e sobre isso eu entendo. No Parque Lage o museu poderia voltar à sua melhor fase. Pessoas competentes não faltam. Mas isso pode ser uma utopia. Pensando com mais calma, o Museu do Índio poderia estar em melhores condições se Funai e tudo o mais estivessem em melhor condições.